

Universidade de Brasília
Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (licenciatura)

**A identificação do leitor LGBTQIA+ com a literatura de João
Gilberto Noll**

Douglas Matheus Caldas Belloti

Brasília - DF
2020

Douglas Matheus Caldas Belloti

**A identificação do leitor LGBTQIA+ com a literatura de João
Gilberto Noll**

Trabalho apresentado ao Departamento de Letras da
Universidade de Brasília, como requisito para obtenção
do grau de Licenciatura em Letras Português, sob a
orientação do Prof.Dr. Anderson Luís Nunes da Mata.

Brasília – DF

2020

Douglas Matheus Caldas Belloti

**A identificação do leitor LGBTQIA+ com a literatura de João
Gilberto Noll**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português na Universidade de Brasília – UNB como requisito para conclusão do Curso de Letras Português e obtenção do grau de Licenciatura.

Aprovada em _____ de _____ 2014.

Orientador Professor Dr. Anderson Luís Nunes da Mata

Resumo:

A pesquisa sobre a identificação do leitor LGBTQIA+ com a literatura em que essa minoria está representada visa entender como o texto consegue desenvolver uma ressignificação da realidade por meio da ficcionalização e representar uma visão remodelada e, portanto, positiva dessa realidade. A Teoria da Recepção, representada por Wolfgang Iser, fornece os meios de análise da transposição da realidade ao texto pelo mecanismo literário. Para analisar a interpretação e a relação leitor-texto, os comentários de leitores disponibilizados na internet permitem entender a potencialidade do texto nas representações de realidades que são estigmatizadas pela sociedade. Diante disso, comparamos as recepções do autor João Gilberto Noll com as de autores populares que publicam suas obras na internet. Apesar das recepções gerarem resultados diferentes, percebe-se serem duas leituras que permitem compreender a literatura LGBTQIA+ como um espaço de ressignificação dessa minoria. De acordo com os trabalhos de Michele Petit, podemos entender que a literatura LGBTQIA+ pode ser entendida como um refúgio para o leitor em crise.

Palavras-chave: Literatura LGBTQIA+; Recepção; Identificação; João Gilberto Noll; Leitor LGBTQIA+

Abstract:

The research on the identification of the LGBTQIA + reader with the literature in which this minority is represented aims to understand how the text manages to develop a new meaning of reality through fictionalization and to represent a remodeled and, therefore, positive view of this reality. The Reception Theory, represented by Wolfgang Iser, provides the means of analyzing the transposition of reality to the text by the literary mechanism. In order to analyze the interpretation and the reader-text relationship, the comments of readers made available on the internet allow us to understand the potential of the text in representations of realities that are stigmatized by society. Therefore, we compare the receptions of the author João Gilberto Noll with those of popular authors who publish their works on the internet. Although the receptions generate different results, it is perceived that there are two readings that make it possible to understand the LGBTQIA + literature as a space for the reframing of this minority. According to the works of Michele Petit, we can understand that the LGBTQIA + literature can be understood as a refuge for the reader in crisis.

Keywords: LGBTQIA+ literature; Reception; Identification; João Gilberto Noll; LGBTQIA+ reader

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. A TEORIA DA RECEPÇÃO.....	12
2. A LITERATURA LGBTQIA+ COMO REFÚGIO.....	16
3. ANÁLISE DOS ROMANCES.....	23
3.1 Lorde e supressão da identidade.....	24
3.2 Berkeley em Bellagio e o desajuste no mundo.....	26
3.3 Acenos e Afagos e as reinvenções do sujeito LGBTQIA+.....	28
4. A RECEPÇÃO DOS TEXTOS DE LITERATURA LGBTQIA+.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

Introdução

No Brasil atual, o modelo heteronormativo e o conservadorismo político e ideológico permeiam nossa sociedade em diversos âmbitos, tanto sociais e culturais, quanto políticos e até educacionais. Dessa maneira, ainda que com um avanço considerável das temáticas identitárias adentrando esses meios e abrindo caminho para uma visão distinta da diferença visando maior aceitação do desigual e dando maior poder de voz e representação para as minorias, a nossa realidade é de um Estado e sociedade que não encara as minorias com bons olhos.

Esse Estado, a partir de diversos mecanismos de dominação do pensamento, por exemplo, os Aparelhos Ideológicos de Estado¹ influencia as decisões de uma comunidade. A norma de formação de uma família, a expressão do desejo e as condutas sexuais são definidas e expostas pela reprodução e imposição de um comportamento às outras pessoas. Diante da imposição desse “*modus operandi*”, forma-se um ciclo de reprodução desse comportamento e a exclusão do comportamento diferente pelas pessoas que estão submetidas a esse controle ideológico.

Esse processo de repressão e exclusão da diferença contribui cada vez mais para que as ideologias dominantes se fortaleçam em meio à sociedade, fazendo com que a grande maioria aja de maneira automática, reproduzindo esse esquema sem perceber a origem de tal pensamento opressor. Desse modo, a ideologia tem a “capacidade de penumbrar a realidade, de n (Edgerton, 2018) (Edgerton, 2018) (Edgerton, 2018)os “miopizar”, de nos ensurdecer” (FREIRE. 2016, p. 67), ou seja, a ideologia dos AIE’s controla, pelo mascaramento da realidade e pela ocultação da verdade, as ideias e ações dos cidadãos. Para o pensador da educação, Paulo Freire, um povo sem educação está sujeito à reprodução dessa ideologia sem tomar consciência de seus atos e consequências prestando um favor ao Estado que comete

¹ Os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), definidos por Althusser (1969, pp. 43-44), compreendem os mecanismos de domínio da ideologia predominante no pensamento da sociedade. Para o autor, os AIE’s podem ser Religioso, Escolar, Familiar, Jurídico, Político, Sindical, Da informação e Cultural e controlam, nas esferas privadas, o direcionamento ideológico daqueles que se subordinam à sua influência.

atos de repressão indiretamente pelo controle de seus cidadãos. Logo, a comunidade LGBTQIA+ se torna uma vítima dessa violência simbólica da repressão.

Portanto, a existência dessa minoria é repreendida pelos cidadãos que mitigam a existência da comunidade LGBTQIA+ nas cidades. A repressão se dá na execução sistemática de modos de opressão como violência física, verbal ou simbólica. James Green mostra como, no Brasil, apesar da maior liberdade entre os homens, a criação de bares denominados gays servia como um espaço de refúgio e liberdade da vivência da comunidade longe dos olhares repressivos. Segundo ele:

Uma maior acessibilidade dos homens ao espaço público, a rua, facilitou os encontros eróticos homossexuais entre eles. Entretanto, a estigmatização cultural dessa atividade às vezes incentivou a criação de uma “contra-casa”, um espaço privado onde os homens podiam interagir livremente e que servia como uma alternativa à família tradicional. (GREEN, 2019, p.44)

Em alguns casos, a experiência sexual homoafetiva era punida pela polícia, o que Althusser chama de Aparelhos Repressivos de Estado (ARE)², que garante a “limpeza” dos locais públicos expulsando a diferença sexual das vistas da sociedade. Assim, o sujeito LGBTQIA+ cresce sabendo que vive numa sociedade em que sua existência não é permitida e encontra poucos lugares em que sua sexualidade e seu modo de viver são aceitos e respeitados.

Nesse ínterim, a vivência LGBTQIA+ é uma quebra de paradigmas ao propor um novo modo de vida e relacionamento que não segue essa a padronização heteronormativa. A desconstrução gradual de uma constituição de gênero e sexualidade construída nas sociedades por anos se mostra bastante ofensiva para esse recorte conservador e temente de perder seus privilégios diante do desmonte da organização social a qual pertencem.

A quebra desses padrões gera as novas possibilidades de existência em diversos âmbitos, desde as individualidades, como as expressões da sexualidade e

² Althusser define os Aparelhos Repressivos de Estado (ARE) (1969, p.43) como os mecanismos propriamente identificados pela repressão punitiva a serviço do estado: o Exército, a polícia, os tribunais, as prisões.

do gênero, quanto às aceitações das diferenças pela sociedade, construindo dessa forma, novas configurações de relacionamentos, famílias e comunidades.

Diante disso, a pesquisa a partir do ponto de vista do leitor LGBTQIA+ procura entender a maneira como a representação de uma existência LGBTQIA+, que rompa com os paradigmas estruturais da sociedade e questione a produção e reprodução da normatividade cis-hétero a partir da reinvenção das relações sociais por meio da sexualidade, num texto literário ficcional impacta e se conecta com o leitor, a fim de compreender as experiências que a conexão com a representação da identidade reprimida provocam nele.

Para isso, procuramos um percurso através da teoria literária, estudos literários com minorias e textos sobre as minorias com o intuito de pensar a conexão entre a ressignificação de uma realidade traumática numa literatura que renove a experiência com uma visão distanciada, provocando uma separação entre a estigmatização extratextual e a ressignificação fictícia apresentada no texto literário.

Com o intuito de pensar a literatura como lugar privilegiado de ressignificação da realidade, a teoria da recepção, representada aqui por Wolfgang Iser, por meio da distinção dos conceitos de real, imaginário, fictício, constrói uma forma de entender a literatura como espaço de criação estética e a partir disso permite compreender como o leitor das obras literárias se relaciona com uma realidade imaginada que está sendo criada no texto.

Para compor a análise da situação dos LGBTQIA+ no Brasil foi importante o entendimento dos processos históricos que levaram a comunidade LGBTQIA+, no Brasil, a ser isolada dos contextos sociais apagando suas identidades. Em síntese, as leituras de historiografias da comunidade LGBTQIA+ brasileira do escritor, intelectual, pesquisador da sexualidade João Silvério Trevisan e do historiador brasilianista e ativista dos direitos LGBTQIA+, James Green guiam o estudo sobre a vivência dessa minoria durante a história do país. Desse modo, é possível entender os movimentos que permitiram a segregação dessa comunidade dos espaços culturais e que tornaram a representação dela uma forma de controle da imagem pejorativa sobre a diferença sexual.

Aliado a isso, buscamos entender a importância que existe em se ver representado nas formas de arte a partir do documentário da Apple TV+, *Visible* o qual nos mostra, a partir do ponto de vista de atores, produtores e escritores da televisão americana, depoimentos sobre o impacto da visibilidade da minoria nas formas de arte, tanto subjetivamente para cada pessoa, quanto para a comunidade em geral. A partir daí, percebemos como o papel da representação da minoria LGBTQIA+ na literatura se torna fundamental para a mudança social apontada pelo relatório *We are on TV (2020)*, da Gay & Lesbian Alliance Against Defamation (GLAAD) ao abordar a representatividade nas mídias de *streaming* e o impacto social diante do contato com a representação da minoria.

Em seguida, os textos de Alberto Manguel, *O Leitor como Metáfora*, e *Os Jovens e Arte e a Arte de Ler*, de Michele Petit permitem entender a importância da literatura em momento de crise. Manguel, analisou a interação entre o leitor e a literatura e formulou metáforas que significassem a importância da leitura para o leitor em cada época. Petit, por sua vez, analisou o papel da literatura em jovens refugiados e a forma como a literatura se comunicava com eles de maneira a criar um ambiente que sua história fosse contada de maneira estetizada e que reduzisse os traumas do acontecimento.

Portanto, a intenção do trabalho com o leitor LGBTQIA+ é pensá-lo como um sujeito em crise, por encontrar-se diante do problema da repressão social que o aflige, e pensar a literatura LGBTQIA+ como um espaço de refúgio para esse impasse. Assim, a pesquisa busca nos textos do Noll, as experiências interpretativas que o texto tem potência de evocar e, para contextualizar tal análise na literatura, buscamos impressões de leitura sobre os textos de Noll em fóruns de discussão dos livros na internet e também em artigos e resenhas acadêmicas em que a obra de Noll fosse discutida. Por fim, fez-se necessária uma comparação com textos populares disponibilizados na internet, em que o comentário sobre a obra mostra um modo diferente de pensar a literatura LGBTQIA+. Além disso, em razão da necessidade de abarcar tanto João Gilberto Noll, um escritor erudito e reconhecido pela crítica literária no Brasil, mas também escritores populares que estão publicando seus livros de maneira independente na internet, pensamos a literatura LGBTQIA+ como aquela que possui, em seu percurso narrativo, a presença e representação da diferença sexual e de gênero abordada de modo a se distanciar da normatividade cis-hétero.

Assim, essa teoria embasa a análise da literatura LGBTQIA+ destacando o espaço ficcional como local de encontro de uma visibilidade repensada e direcionada ao leitor LGBTQIA+, o qual muitas vezes se encontra sem referenciais de sua identidade, a não ser as representações negativas, caricatas ou preconceituosas feitas com intuito de difamar, ou insultar a comunidade.

1. A Teoria da Recepção

A teoria da recepção é representada nesse texto pelo crítico literário alemão Wolfgang Iser. Segundo Bastos (2013), para Iser, a ficcionalização é uma atividade inerente ao ser e está presente em qualquer atividade conscientemente ou não. Dessa forma, o ato de criar não estaria restrito às artes, mas sim, se tornaria um mecanismo fundamental da racionalidade humana. O mesmo autor diz:

a ficcionalidade nasce da necessidade de o homem se mostrar a si mesmo. [...] a pessoa tem na encenação a oportunidade de estar simultaneamente em si e fora de si, o que lhe faculta vivenciar a própria dualidade, distanciar-se de si mesma, colocar-se em perspectiva, criar-se. (Bastos, 2013, pg. 11)

Por meio dessa afirmação Bastos explica que Iser pensa a ficção como o método de reinvenção da realidade, podendo verificar uma dualidade entre aquilo que é e o que está sendo criado. Portanto, a ficção cria um espaço de repetição da realidade, porém alterada de acordo com a distância que se cria entre o objeto representado e o resultado criado pelo autor.

A fim de perceber as intenções da ficção Iser afirma na Introdução de seu livro *O fictício e o Imaginário*: “A literatura necessita de interpretação, pois o que verbaliza não existe fora dela e só é acessível por ela.” (2013. pg. 25) assim relata a importância do leitor para a construção de sua teoria. Assim, a criação literária pode ser entendida como o início da ideia e o leitor entra como fim da leitura no intuito de entender a realidade apresentada no texto e interpretá-la.

Segundo a estética da recepção, a obra literária impacta o seu leitor de uma maneira ativa e esse responde da mesma forma. Antoine Compagnon diz que:

Os estudos recentes da recepção interessam-se pela maneira como uma obra afeta o leitor, um leitor ao mesmo tempo passivo e ativo, pois a paixão do livro é também a ação de o ler. A análise da recepção visa ao efeito produzido no leitor, individual ou coletivo e sua resposta – *Wirkung*, em alemão, *response* em inglês – ao texto considerado como estímulo. (COMPAGNON, 2012)

Seguindo esse pensamento, o leitor entrando em contato com uma história contada no texto, se conecta com ela e produz uma série de reações em relação a essa narrativa. O receptor da mensagem conduz uma criação estética que combina as experiências de autor e leitor e constroem uma obra na qual suas expectativas são mutuamente respondidas. O ato da leitura é, assim, um momento em que o leitor completa o sentido do texto colocando sua experiência de leitura, suas ideologias e sentimentos sobre o texto, dessa forma, o sentido é completado pela junção dos estímulos pensados pelo autor e a interpretação do leitor que preenche lacunas de sentido presentes no texto.

Na literatura, portanto, as modificações na sociedade, são representadas de maneira remodelada a partir das transgressões dos limites da realidade, que segundo Iser, são dadas pelos “atos de fingir” (2013). De acordo com Wolfgang Iser (2013), os mecanismos literários transformam a realidade em ficção à medida que distanciam o produto do texto das ocorrências extratextuais, isto é, a ficção tem a capacidade de diferenciar a vida e apresentá-la seguindo outros padrões, que por sua vez, estão de acordo com a concepção do autor.

Segundo Iser, em sua obra *O fictício e o Imaginário* (2013), existe uma tríade entre real, fictício e imaginário que constituem o fenômeno do que chamamos aqui representação literária, a ficção, então, não é uma oposição do real, mas, com ele, cria uma relação recíproca.

Iser diz:

O texto ficcional se refere à realidade sem se esgotar nesta referência, a repetição é um ato de fingir pelo qual aparecem finalidades que não pertencem à realidade repetida. Se o fingir não pode ser deduzido da realidade repetida, nele emerge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto. (ISER, 2013, pg.32)

Em síntese, o real, para o autor, é o mundo extratextual, isto é, a realidade sensorial que presenciamos e a vida como ela é. Essa realidade é recomposta a partir dos mecanismos literários que permitem remodelá-la de acordo com limites e possibilidades do imaginário. Já o imaginário é a realidade repensada pelo autor, inventada de modo distanciado do mundo extratextual. Para Sandra de Pádua Castro (2007), o imaginário “é a condição para superar o existente e projetar o ainda inexistente”. Desse modo, o imaginário é o que possibilita tomarmos consciência da realidade e ressignificá-la. Com isso, a ficção é o lugar onde é possível a criação de

um mundo que represente uma mudança na forma de ver o mundo e exponha para o leitor essa possibilidade.

Isto posto, para analisar os textos de literatura LGBTQIA+ é interessante pensar que a literatura LGBTQIA+ deve estar a favor de uma renovação da imagem estigmatizada da comunidade. Assim, o leitor LGBTQIA+ se identifica não somente com a leitura de uma narrativa em que se tenha um relato de uma experiência com a diferença sexual, mas com a forma como o texto apresenta metaforicamente essa vivência remodelada para o leitor.

De acordo com Antoine Compagnon (2012), a obra fica completa quando o texto é lido pelo leitor que se envolve com esse imaginário e cria conexões entre os símbolos textuais e a experiência extratextual. Desse modo, colocando um pouco de si e de sua consciência em contato com o texto, a maneira como o leitor se identifica com o texto está associada à forma como o leitor se relaciona, no mundo real, com as questões postas ali. Logo, o leitor LGBTQIA+ é aquele que possui a capacidade, devido à vivência da sexualidade no mundo real, de conectar-se com a linguagem artística e fazendo dela, um objeto de interpretação de si mesmo e de sua identidade a partir da exposição da experiência dissidente representada na ficção.

Com esse contato, o leitor desenvolve maneiras de se compreender e pensar-se como sujeito desse mundo. Para Michele Petit, o impacto que uma leitura tem na formação de uma pessoa é enorme já que nos permite “enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas” (PETIT, p. 38). Segundo ela:

Nessa leitura, o escritor e o leitor constroem-se um ao outro; o leitor desloca a obra do escritor e o escritor desloca o leitor, às vezes revelando nele um outro, diferente do que acreditava ser. (PETIT, p.38)

O leitor e o escritor, então, criam um vínculo, compartilhando experiências e aquilo que o leitor busca entender é dito pelo autor no texto, como uma espécie de conselho de um amigo e isso ajuda esse leitor em conflito a superar uma determinada dificuldade de aceitação, autoestima ou confiança causada pela repressão de sua identidade pela sociedade.

Portanto, diante da criação desse espaço de visibilidade devido à criação de um espaço de representação renovado das questões de gênero e sexualidade, A literatura LGBTQIA+ se mostra o local de pertencimento e reconhecimento em que esse sujeito encontra um meio de se visualizar e se identificar como ser pertencente a uma comunidade.

Nesse caso, podemos perceber como a criação de um lugar de segurança serve como um porto-seguro para os leitores que passam por situações de crise.

Segundo Michele Petit:

A psicanálise nos ensina que a saída para essa destrutividade supõe a criação ou a recriação de um espaço de transição, de fantasia, a partir do qual a faculdade de jogar, de simbolizar, de aprender, de pensar, de criar, poderá ser encontrada. (PETIT, 2009, posição 1870).

A ficção, então, constrói esse mundo representativo que engloba as dissidências e as promove positivamente. Desse modo, o leitor LGBTQIA+, que não encontra uma representação positiva de si na sociedade, toma conhecimento de um outro ponto de vista sobre sua própria existência e, a partir do reconhecimento na literatura de um semelhante, consegue se reconectar com o mundo.

A intenção em perceber o efeito que a literatura LGBTQIA+ produz no leitor alvo, significa entender qual o impacto a identificação produzida pela representação de uma realidade, marginalizada na sociedade e ressignificada na literatura, produz num leitor que procura por respostas, confortos e diálogos por não se sentir pertencente à sociedade. O texto se transforma num lugar onde o autor exprime suas vivências de uma forma estetizada, ficcional e metaforizada e o leitor encontra ali uma voz de um semelhante que não pretende desvalida-lo, encontrando ali conforto para seus conflitos internos, causados pela sociedade, porém de uma maneira distanciada, na qual sua problemática é discutida nas entrelinhas do texto

A realidade ressignificada é, conseqüentemente, o que importa para os leitores que procuram esse tipo de literatura, já que o contrário, a reificação da imagem pejorativa da minoria, só reforçaria o preconceito e a estigmatização que esse grupo sofre. Assim, a rede de comunicação que a literatura cria entre os autores LGBTQIA+, os textos e os leitores LGBTQIA+ moldam uma estrutura coesa de transmissão desse

pensamento e consolida-se como uma literatura LGBTQIA+, onde a representação da sexualidade permite diálogos entre discursos dessa minoria.

2. A literatura LGBTQIA+ como um refúgio

Os textos *Devassos no Paraíso* (2018), de João Silvério Trevisan e *Além do Carnaval* (2019), do estadunidense James Green narram a história da comunidade LGBTQIA+ durante os quinhentos anos desde o descobrimento do país até a contemporaneidade. A princípio, Trevisan informa os estudos que mostram que mesmo nas comunidades indígenas que aqui já habitavam, a diferença sexual já era recorrente acontecendo diversos casos de homossexualidade e até transexualidade. Diante disso, o autor brasileiro informa também o estranhamento dos colonizadores quanto a esses fatos.

Mas, entre os costumes devassos dos habitantes desse Paraíso tropical, nada chocava mais os cristãos da época do que a prática do “pecado nefando”, “sodomia” ou “sujidade” – nomes então dados à relação homossexual que, segundo o pesquisador Abelardo Romero, “grassava há séculos, entre os brasis, como uma doença contagiosa” (TREVISAN, 2018, p.63)

Dessa maneira, é possível perceber que a visão conservadora da religião cristã já considerava pecado, as práticas sexuais que fossem contra o objetivo prioritário da igreja que era o biológico da reprodução. No entanto, o auge da repressão religiosa sobre as práticas aconteceu no período da contrarreforma religiosa. A partir da retomada do poder da igreja católica, aqueles que fossem contra seus dogmas começaram a sofrer perseguições devido a instauração dos processos inquisitivos.

Aqui no Brasil, a inquisição punia os crimes contra a fé, vigiava o comportamento dos padres jesuítas, mas também reprimia os comportamentos envolvendo a homossexualidade. Trevisan diz que para a inquisição:

Para os crimes de sodomia, em geral bastava uma testemunha de acusação - considerando-se que a punição desses casos era “de primeira necessidade

numa república cristã”, como argumentava um promotor inquisitorial. (TREVISAN, 2018, p. 149)

A diferença sexual era vista como uma ofensa a fé cristã e era então punida de diversas formas.

Além disso, as elites brasileiras controlavam também o sistema jurídico e médico brasileiros. Há, portanto, diversos casos em que foram internadas em centros psiquiátricos devido às denúncias contra o comportamento erótico não-normativo. Esse sistema de internação foi usado como disfarce da real usabilidade dessas internações que eram a reclusão sexual das pessoas LGBTQIA+.

Desse modo, vê-se que o controle da sexualidade durante os primeiros séculos da história do Brasil se dava de forma explícita, na tentativa de eliminar a diversidade de gênero da sociedade, ou ao menos, expulsar dos convívios comuns.

Já nos últimos séculos (XX e XXI), a repressão sobre as sexualidades se mostrava nos mais implícita com as elites influenciando a população sobre os ideais heteronormativos, mas já não existia um regime repressivo com leis que visassem a supressão da minoria. Nos finais do milênio, uma grande onda de protestos e manifestações, visando uma maior visibilidade da comunidade LGBTQIA+ e da necessidade de um olhar público e político sobre as necessidades dessa parcela da sociedade, surgiram no país. Reuniões partidárias começaram a surgir com fins de abordar a questão da diferença sexual dentro da sociedade.

Trevisan (2018) e Green (2019) abordam na história do país, a caminhada em busca de igualdade de direitos pela comunidade LGBTQIA+ e durante esse percurso historiográfico, os autores relatam a partir de dados a violência contra essa minoria. O autor americano sinaliza a partir de pesquisas a homofobia da sociedade, de acordo com elas, 56% dos entrevistados mudariam de comportamento com a descoberta da homossexualidade de um colega, 25% romperiam o contato total, 36% não empregariam um funcionário homossexual e 79% não aceitariam ver o filho com um amigo gay.(GREEN. 2019, pp. 34-35.). Esses dados sobre a violência expõem o desamparo legal que essa minoria enfrenta. Além disso, representantes do movimento relatam a impunidade dos crimes contra homossexuais expondo o fato de que a grande maioria dos casos não resultam em punição para os criminosos.

À vista disso, o panorama histórico brasileiro mostra desde os primórdios uma perseguição da diferença na tentativa de manutenção do *status quo*. A consequência

disso nos dias de hoje se percebe, além da manutenção de crimes de ódio e preconceito existentes na sociedade, na falta de visibilidade positiva sobre a comunidade LGBTQIA+. Diante disso, o que se tem feito é uma busca maior por representatividades positivas para que o estigma preconceituoso em cima da comunidade diminua.

Os meios midiáticos atuais têm aumentando uma busca por representações de personagens LGBTQIA+ em posições de protagonismo, nas quais suas histórias e vivências fossem expostas. O documentário da Apple TV+, *Visible* (2020), trouxe a partir dos depoimentos de atores, produtores e escritores da televisão americana, a questão da necessidade de representação em meios televisivos.

Diante dos relatos dos participantes do documentário, percebemos que o impacto da representação negativa da comunidade nos meios de produção cultural geram diversos problemas psicológicos nos membros da minoria. São diversos os relatos de baixa auto-estima, medo ou depressão devido a noção que pairava de que ser LGBTQIA+ não era permitido nessa sociedade.

Se olharmos para os veículos de produção da indústria cultural audiovisual com alcance global, como os principais provedores de conteúdo em *streaming* (Netflix, Amazon, HBO e Hulu), constatamos que, de acordo com o relatório *We are on TV* (2020), da Gay & Lesbian Alliance Against Defamation (GLAAD), a representatividade LGBTQIA+ aumentou no ano de 2019 (de 8,8% para 10,2%). O relatório da GLAAD, feito anualmente a partir de um levantamento sobre a presença de personagens LGBTQIA+, não-brancos e pessoas com deficiência em programas de TV evidencia a pouca representação de pessoas identificadas com essas minorias na mídia. Partindo do pressuposto de que a produção de imagens diversificadas desses sujeitos favorece a mudança social de diminuição de preconceitos, a associação reivindica que haja alguma proporcionalidade entre o número estimado de pessoas LGBTQIA+ na sociedade e nas representações televisivas. Embora ainda não haja uma pesquisa do tipo em relação à literatura, especialmente à literatura publicada no Brasil, é preciso registrar que na pesquisa *A personagem no romance brasileiro contemporâneo* (2005), coordenada por Regina Dalcastagnè, que tratou dos romances publicados pelas principais editoras brasileiras entre 1990-2004, o número de personagens LGBTQIA+ era de apenas 8,3%.

Diante disso, a literatura, também como meio de produção cultural responsável por abordar uma visibilidade positiva da sociedade se torna um mecanismo de

representação útil para a conversão da imagem preconceituosa da comunidade numa visão positiva e acolhedora do jovem em crise. Assim, o estudo da literatura como espaço capaz de recriar a vivência LGBTQIA+ a fim de produzir uma realidade que pode, metaforicamente, ressignificar a crise sofrida pelos pertences das minorias sexuais esclarece como essa remodelagem da realidade é positiva para a comunidade e como ela é feita.

Alberto Manguel, em seu livro *O leitor como metáfora*, atribui sentidos à obra literária e ao leitor a partir do que significavam durante períodos da história. Desse modo, a literatura se mostra como um suplemento para o que o leitor precisava em cada período suprimindo as necessidades existências do homem.

Sua primeira análise parte da noção do livro como uma estrada percorrida, em que, assim como viver é percorrer por um caminho, ler o livro seria caminhar por essa estrada e adquirir o conhecimento que esse percurso pode proporcionar. Nessa comunicação entre o que é viver e o que é ler: “Viver, então é viajar através do livro do mundo; e ler, abrindo caminho através das páginas de um livro, é viver, viajar pelo mundo.” (MANGUEL, 2017. L.171)

A torre de Marfim, segunda metáfora apresentada no livro, relaciona a experiência da leitura desenvolvida pelos intelectuais na idade média ao enclausuramento, o isolamento, o exercício de se exilar do mundo para, entre as leituras, desvendar o mundo. Ler passa a ser um privilégio de poucos de buscar pelo conhecimento dos livros. Isso se dava pelo distanciamento do que seria distração no mundo. A torre, no entanto, perde seu propósito e a alma isolada se perde na inação. Manguel diz que:

Embora a melancolia, conforme se argumentou exaustivamente, seja a despeito de seus sintomas, um estado criativo, é difícil manter uma condição de meditação concentrada sem cair no vazio da acídia. Em tais momentos, a torre perde seu poder nutritivo e se torna um lugar que suga energia espiritual e intelectual. (MANGUEL. L.875)

Depois, a leitura passa a mudar o sentido para os intelectuais. Em vez de ser uma simples fonte de conhecimento, a imersão visava proporcionar, àqueles que buscavam o conhecimento sobre o mundo, um conhecimento sobre si. A torre de

Marfim construiu um novo modo de ler, onde o leitor se deslocava do mundo para uma viagem até o interior de si mesmo.

Ler, acima de todas as outras atividades, propiciava um espaço no qual a mente poderia se deslocar de seu entorno cotidiano e dedicar-se a assuntos mais elevados, não tanto decodificando conscientemente o texto na página, mas antes, permitindo que o texto transportasse o leitor numa viagem interior. (MANGUEL L. 1117)

O resultado disso é uma maior consciência de si, de sua individualidade e de seu papel no mundo enquanto sujeito no sentido de que a reflexão interior do leitor possibilita a ele o reconhecimento de seu papel no mundo. A transformação desse leitor passivo em um leitor que, a partir do texto, se modifica e modifica o seu redor é o potencial social da literatura. Através da mudança de concepção do fundamento da literatura. Pode se começar a pensar numa característica política transformadora para a leitura.

No entanto, por fim, o autor define, com pessimismo, um último leitor:

Eis aqui alguém literalmente feito de texto impresso, tão absorto nas palavras na página que nada mais parece existir para ele. Em seu mundo centrado no livro, a carne se transmutou em palavra. (MANGUEL, L.1406)

Por meio da metáfora do leitor como traça, o autor cria a ideia daquele leitor devorador de livros criticando a leitura que não gera fruto. O leitor, preso no mundo da palavra parece não exercer função alguma no mundo e sua leitura passa a ser inconsciente. Diante disso, a leitura perde o sentido transformador se tornando mais uma vez um simples acúmulo de conhecimentos desconectados da realidade. A falta de reflexão sobre o conteúdo provoca uma ruptura entre o projeto social do autor e o desenvolvimento de uma racionalidade crítica da realidade por parte dos leitores.

Com isso infere-se que o leitor de uma literatura que aborde a vivência LGBTQIA+ busca uma leitura que abarque os sentidos de uma leitura transformadora. O texto para esse leitor se torna um auxílio para vencer o desafio da opressão, ou seja, a partir da leitura ele adquire os meios para se tornar crítico das relações de desigualdade da sociedade. O leitor ao adquirir esse conhecimento da realidade

estetizada no texto, consegue desvelar-se do papel de leitor passivo e identificando-se como pertencente a essa comunidade se vê apto a questionar a dominação de uma ideologia e pensar alterações no ambiente social, reivindicando os direitos de existência e representação da comunidade.

Dessa maneira, o leitor da literatura de minorias encontra nessa manifestação literária um projeto político que visa a mudança do paradigma da sociedade, buscando uma existência que preze pelo vencimento da violência contra a diferença.

É nesse sentido que uma literatura LGBTQIA+ e de autoria alguém da comunidade cria esse vínculo não somente óbvio entre a representação de uma personagem com o leitor. Intrinsecamente e textualmente, a mentalidade de uma pessoa que existe como LGBTQIA+ faz parte de todo o processo de produção criando uma estética que relacione o viver como diferente à escrita do texto. Assim, aquele que lê se identifica não somente com a leitura de uma narrativa em que veja sua vida representada como tal no texto, mas com a forma como o texto apresenta metaforicamente a vivência marginalizada a ele. De certo modo, a partir da inserção nessa representação proposta na obra, há a junção das experiências do leitor e as expostas pelo autor no texto que se completam a fim de solucionar as problemáticas. Desse modo, o leitor transforma-se no ato da leitura por reconhecer-se naquela literatura.

O leitor então se envolve com a literatura colocando um pouco de si e de sua consciência em contato com o texto. Dessa forma, a maneira como o leitor se identifica com o texto está associada à forma como o leitor se relaciona, no mundo real, com o conjunto das questões postas ali, qual seja, o leitor identifica num processo, às vezes inconsciente, a igualdade entre sua vivência. Conectando-se com a linguagem artística e fazendo dela, um objeto de interpretação de si mesmo e de sua identidade a partir da exposição de um imaginário LGBTQIA+ representado na ficção. Para Michele Petit, o impacto que uma leitura tem na formação de uma pessoa é enorme já que nos permite “enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas” (PETIT, 2008, p. 38). Segundo a autora:

Nessa leitura, o escritor e o leitor constroem-se um ao outro; o leitor desloca a obra do escritor e o escritor desloca o leitor, às vezes

revelando nele um outro, diferente do que acreditava ser. (PETIT, p.38)

O leitor e o escritor então criam um vínculo, compartilhando experiências e aquilo que o leitor busca entender é dito pelo autor no texto, como uma espécie de conselho e isso ajuda esse leitor em conflito a superar uma determinada dificuldade causada pelo desencontro com o mundo. É, portanto, a importância da representação de novas possibilidades de existir que cria um vínculo com a experiência do leitor a fim de criar um refúgio para a comunidade longe das representações negativas.

Um refúgio sendo um local que oferece amparo, que serve para proteger ou confortar e é para onde pessoas vão quando o local de onde saem não oferece essas condições, mais especificamente, quando o local de onde saem oferece perigo a elas. Para uma pessoa que sofre alguma violência ou discriminação na sociedade, a família seria esse porto seguro para onde se volta e se reconstitui. Infelizmente, em grande parte das famílias, muitas vezes influenciadas pela sociedade homofóbica, mantêm esse tratamento aos seus parentes, rejeitando-os. James Green (2019) diz que essas famílias somente toleram o fato do familiar ser gay, no entanto nesse tolerar está implícita a “política do não pergunto, não me conte”, evitando que esses sujeitos tenham uma relação saudável com a própria família. Assim, a rede de amparo que um LGBTQIA+ tem se torna muito restrita e por isso o conforto da representação se torna essencial.

O refúgio é construído a partir dos usos das metáforas que dizem das coisas reais do jovem, mas distanciando-as delas. Dessa forma, essa realidade pessimista a qual o leitor quer se distanciar é repensada para ajudar a solucionar a solidão desse leitor abandonado. A verdade dita no texto, renova a esperança do leitor pela identificação de uma positividade para a situação pela qual passa. Petit diz que:

Um pouco por toda parte, diferentes profissionais sublinham a importância da mediação de um texto estético reconhecido, compartilhado, de modo a objetivar a história pessoal, a circunscrevê-la do exterior, e destacam a força da metáfora, do desvio mediante o distanciamento temporal ou geográfico. (PETIT, 2009. L. 2252)

Dessa maneira, a ficção reinventa um modo de dizer da sexualidade e da vivência desse leitor, ao relacionar sua vivência a uma experiência estética do texto que não transparece o horror da sociedade pela sexualidade.

Mesmo para os que foram gravemente feridos, uma história, uma metáfora poética oferece às vezes, sob uma forma distinta, um eco do que viveram e não puderam pensar por conta própria, suscitando um movimento psíquico. (PETIT, 2009, L. 723)

O leitor LGBTQIA+, portanto, busca na literatura esse espaço de comunicação com o igual. Por isso, nesse lugar construído pela literatura LGBTQIA+, as identidades dissidentes são celebradas e, assim, serve como auxílio para o leitor que pretende encontrar esse suporte colocando-os num âmbito de ressocialização a partir da criação de um espaço de comunidade. O diálogo ali não é mais com pessoas que não se relacionam com a vivência daquele sujeito, mas sim, de uma comunidade que o entende e compartilha suas experiências, angustias e anseios.

3. Análise nos romances

Diante da compreensão da literatura como refúgio para os leitores LGBTQIA+, partimos para a necessidade de entender como o leitor identifica a existência divergente da norma representada na literatura de João Gilberto Noll. É preciso pensar o texto do autor como um espaço que representa o imaginário LGBTQIA+, com as características da sexualidade, as análises psicológicas e representações da vivência dessa identidade metaforizados em aspectos da narrativa do escritor. Estes aspectos, simbolizam a dimensão de existência dessa comunidade representada. Nesse sentido, a literatura experimenta, a partir da linguagem, uma conexão entre o cotidiano da personagem e a vida do leitor a que se destina. A associação, então, do que o leitor identifica como “ser LGBTQIA+” e o que o texto traz em sua totalidade complementam a significação do texto como representação de uma sexualidade em local privilegiado, assumindo um caráter de prestígio. Um possível entendimento do que o texto explora é fruto de uma identificação dos significados que a narrativa esconde em meio à estética do autor.

Partindo disso, a seguinte análise dos textos de Noll busca entender que aspectos da obra, unidos com o entendimento de terem como público-alvo, visto seu conteúdo narrativo, o público LGBTQIA+, podem trazer significações específicas para esse tipo de leitor. Assim, pretende-se um estudo das potências do texto, enquanto parte das interpretações da realidade fictícia exposta na literatura.

3.1 **Lorde e a supressão da identidade**

É comum a jovens que se identificam com alguma das diferenças, sejam elas de sexualidade ou de gênero, a relação de medo e insegurança com a sua própria identidade. Crescer inserido na sociedade que reprime os comportamentos sexualmente dissidentes pode provocar esse sentimento de deslocamento e desencontro no mundo. Fazer parte dessa minoria pressupõe uma consciência de que o mundo ainda não aceita a divergência sexual e de que muitas instituições ideológicas anseiam pela supressão das realidades não normativas.

Em *Boy Erased (2018)*, filme baseado no livro de mesmo nome, a personagem Jared Eamons, interpretada por Lucas Hedges descobre sua homossexualidade na adolescência. Ele esconde esse fato da família religiosa já que seu pai, Marshall Conley, interpretado por Russel Crowe, é um pastor conservador de uma igreja protestante nos Estados Unidos da América. A sexualidade do garoto torna-se conhecida depois que, por resistir a uma tentativa de estupro, o agressor espalha o boato de que Jared é homossexual. Diante disso, a família decide, numa tentativa de “cura gay”, levar o filho num grupo de terapia de reversão da sexualidade. O filme mostra tratamentos que os grupos religiosos realizavam com jovens que se encontravam deslocados desse padrão comportamental aceito, incluindo os padrões de sexualidade, mas também os de gênero.

O título, por sua vez, faz relação, justamente, à maneira como os jovens internados nesses centros tem suas identidades apagadas quando são forçados, a partir de torturas, terapias agressivas e humilhações, a adaptar sua identidade aos moldes previstos pelo conservadorismo, neste caso, religioso.

Apesar das conquistas que os movimentos LGBTQIA+ têm alcançado, a infância de muitos jovens LGBTQIA+ no Brasil ainda é marcada pelo apagamento e disfarce da identidade sexual. Muitas dessas crianças e adolescentes ainda tentam

uma “transformação” da sexualidade internamente provocada pelo medo da não aceitação na sociedade.

João Gilberto Noll aborda em *Lorde* (2003) um homem já de meia idade, mas que devido ao desajuste provocado pelo fato de estar em um país como estrangeiro, vê-se numa busca pelo disfarce de sua identidade. Desse modo, há uma relação entre essa personagem e a vivência dos jovens LGBTQIA+. Em *Lorde*, a vida de um homem de meia idade, que vai a Londres a pedido de um inglês para uma conferência, se transforma num conflito de identidade e de pertencimento no personagem. O personagem brasileiro se encontrou num país completamente diferente do Brasil, de onde ele saiu, e isso provoca nele a sensação de que o lugar é de todos menos dele. Nisso, até o próprio apartamento em que ele estava “hospedado” se encaixa. Ele sente a insegurança de estar nesse lugar em que não é querido e pensa poder ser removido dali sem gerar nenhum problema para os donos do apartamento. Diante disso, o descontentamento da personagem evolui para uma crise de identidade:

Nessa noitinha entrei em casa e fui direto ao espelho. Eu já não me mostrava tão velho. Se pintasse os cabelos de um castanho-claro... O que sentia por mim me olhando no espelho não era o que costumava sentir por si mesmo. Não havia apego especial pela figura, talvez alguma simpatia longínqua como por um parente que não se vê há muito, mas com quem se trocou alguma intimidade na infância. Alguém com quem podemos conviver por alguns minutos sem peso ou infortúnio, mas que logo podemos deixar de lado à procura de uma outra identidade que teima em nos escapar. (NOLL, 2013)

Vê-se, então, que a imagem disfarçada do homem vale mais do que sua real identidade. Além da questão territorial, que serve de metáfora para o entendimento do não pertencimento dessa personagem nesse lugar, tem-se o disfarce fenotípico de sua aparência. A personagem que ser um outro diferente de tudo o que apresentava com a intenção de apagar aquela imagem com a qual chegou pois, como no mundo real, há, diante dos olhares repressivos da sociedade, um apagamento do ser e da individualidade. A minoria se vê obrigada a disfarçar sua subjetividade para que se mantenha o privilégio de uma maioria.

Além disso, vê-se que a habitação do personagem criado por Noll se mostra um local de total desconforto. O lugar onde ele habita não exerce a função de segurança, o que é um paralelo com a realidade extratextual como é mostrado nos

dados sobre a violência contra LGBT's na quarentena. Segundo o site da faculdade de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais:

Um levantamento feito pelo aplicativo de relacionamentos Hornet e divulgado pela Agência Brasil revela que 30% dos 3 mil homens gays, bissexuais e transexuais entrevistados não se consideram seguros dentro de casa com suas famílias. (PECHIN, 2020)

Ou seja, muitas famílias, principalmente as religiosas, como as mostradas em *Boy Erased* não acolhem os familiares LGBTQIA+ fazendo com que eles não se sintam acolhidos em casa e todo o contato familiar que existe é negado a esse familiar. Dessa forma, assim como o personagem de *Lorde*, viver numa casa não significa ter a segurança devida, pelo contrário, é um constante sentimento de estar passível a perder tudo a todo momento.

Essas problemáticas no texto de Noll podem ser pensadas como metáforas de uma vida LGBTQIA+. O dissidente sexual não se vê pertencente ao mundo e por isso acontecem as performances do comportamento socialmente aceito em ambientes conservadores. Para essa minoria, é necessário agir de acordo com um estereótipo, apagando a individualidade, escondendo os trejeitos e modificando a aparência para se encaixar nesse molde proposto para cada um de acordo com características biológicas.

Dessa forma, o sujeito LGBTQIA+ se torna alguém que deve se esconder e vive uma vida que não o representa, agindo segundo convenções. Esse constante disfarce que mitiga a identidade do ser é o que está representado em *Lorde* pelo mascaramento da aparência. O brasileiro em Londres se disfarça e tenta causar uma boa impressão nos cidadãos de um outro país assim como o LGBTQIA+ deve se disfarçar para se misturar numa sociedade na qual ele é um diferente.

2.1 Berkeley em *Bellagio* e o desajuste no mundo

Em *Berkeley em Bellagio*, o personagem narrador de Noll se envereda numa busca por um sentido à sua vida indo dar aulas de cultura brasileira em Berkeley, nos Estados Unidos. Lá, o personagem se dá conta de uma dificuldade de se expressar, dada a diferença das línguas e sua falta de experiência com o inglês. Em torno da dificuldade de expressão pela língua, o texto nos mostra uma personagem que está

perdida em diversos sentido. Além de estar num país que não é o seu, encontra problemas para se comunicar com os outros professores e acadêmicos e se vê sempre acuado quando é necessário dizer algo. Desse modo, Noll apresenta um personagem que se relaciona com o mundo por meio de experiências, sentidos e ações. O personagem expressa suas necessidades e desejos com uma relação quebrada e desconectada com o mundo, abusando das relações corporais com as quais consegue se fixar com alguma coisa, porém nunca por muito tempo. Noll mostra diversas mudanças geográficas quase instantâneas com o intuito de revelar esse ser errante que não pertence a lugar algum. Ele se sente estranho a tudo e a todos e Noll constrói uma narrativa de um sujeito desajustado em busca de um refúgio que não sabe o que é.

O contexto por trás dessa narrativa marca a complexidade da relação do sujeito que está desalinhado com o projeto social, ou seja, que foge da normatização do mundo. A relação dele com os outros cidadãos do país é quebrada, mantendo pouca ou quase nenhuma significação. Desse modo, o personagem é um ente perdido nesse lugar. Assim como em Lorde, e em outras obras de Noll, a personagem se vê diante de diversos desencontros e sofre diversas crises internas quando precisa se adaptar a essa realidade de certa forma imposta.

Ademais, um aspecto importante nessa obra de Noll é a função da linguagem para o personagem. Ela é a particularidade que o diferencia dos outros acadêmicos, pois, ainda que ambos estejam lá para os mesmos fins, ele ainda é o que não consegue socializar naquele meio. É difícil para ele se comunicar entre os outros acadêmicos como se tivesse escondendo uma personalidade problemática, dessa forma, ele se mantém calado, escondido em ações rápidas com o intuito de não se expor ou colocar-se em situações comprometedoras.

Em resumo, o que Noll faz é representar esse desencontro do personagem como uma questão de identidade não aceita nos ambientes sociais mais distintos. A personagem representa a tentativa de encaixar-se nos meios, mas encontrar dificuldade de estabilizar-se devido às exigências implícitas de uma sociedade que recusa o diferente. Em decorrência disso, o personagem se perde em uma atmosfera de incertezas, onde tudo que faz é baseado numa tentativa de manter uma aparência de normalidade, escondendo seus reais estados. Assim, quando se torna difícil

encarar essa situação ele se desloca e dessa maneira cria uma relação apenas momentânea com os lugares e pessoas. Essa estética criada por Noll é a representação da brevidade das relações LGBTQIA+ visto que a pressão social diante da minoria provoca esse desajuste que por sua vez caracteriza o sujeito desterritorializado que está sempre se reinventando para adaptar-se à sociedade.

2.3 As reinvenções do sujeito LGBTQIA+ em Acenos e Afagos

Em *Acenos e Afagos* (2008), Noll mostra como uma personagem se reinventa diversas vezes devido ao desencontro, mencionado nos outros romances, de si no mundo. A personagem do romance conta sua história de (sobre)vivência num mundo que não possui lugar para sua identidade. A vida desse sujeito, que hora se apresenta como homem, ora como um ser metamorfoseado com características femininas é marcada pela mentira de viver num casamento “fictício”, pela traição ao buscar pelo afeto na rua e pela omissão do amor. Essas manifestações do não pertencimento constroem um personagem que encontra na vida mundana e encontros rápidos, uma forma de contornar a questão de conflito que possui. A busca pelo gozo na qual esse personagem se engendra é permeada pelas pequenas mortes que ele sofre.

Noll cria a partir da capacidade de ficção um personagem que não possui relação alguma com o mundo extratextual, isto é, ela só existe enquanto fruto da narrativa do autor gaúcho. No decorrer da narrativa, a personagem se metamorfoseia, adquirindo novas fisionomias, assim, Noll distancia a personagem de qualquer relação com o real e cria na ficção esse personagem fruto do imaginário. Por meio dele, Noll fala de uma personagem que representa um potencial existencial, no sentido de abrir portas para outros significados do que é ser e do que é viver essa diferença sexual no mundo que não a recebe bem, a partir do momento que desconstrói os limites do possível e reinventa os paradigmas existenciais da personagem. Como José Esteban Munhoz declara:

we may never touch queerness, but we can feel it as the warm illumination of a horizon imbued with potentiality. We have never been queer, yet queerness exists for us as an ideality that can be distilled from the past and used to imagine a future. (MUÑOZ, 2009, pg. 1)

Dessa maneira, podemos entender a criação dessa personagem de Noll como uma tentativa de alcançar a utopia Queer que Muñoz defende. A partir da presença desse modo de viver que não se relaciona com o padrão socialmente estabelecido, a quebra com a realidade prediz uma nova constituição de sexualidade totalmente ressignificada pela ficção e apresentada ao leitor como uma forma diferente de se relacionar com o real e a visão extratextual preconceituosa e estigmatizada que ele possui.

No entanto, além desse distanciamento com a realidade, o texto de Noll apresenta relações diretas entre o real e o imaginário. Por exemplo, a partir da descrição do abandono do afeto do amado representado pelo personagem do engenheiro (um amigo de infância ao qual ele mantém sentimentos) conseguimos relacionar o abandono que o sujeito LGBTQIA+ sofre do mundo e sua procura por um substituto. Dessa maneira, a forma como a personagem de *Acenos e Afagos* busca pelos afetos como forma de suprir essas perdas é uma metáfora da realidade dos LGBTQIA+ que diante dos abandonos resultado das políticas de exclusão dos ambientes sociais dos estados necropolíticos precisam viver como transeuntes.

Noll, demonstra as possibilidades da vida da personagem no encerramento dos ciclos. A personagem sofre uma morte e ressurreição que dá a ele uma chance de se reinventar e recriar sua existência a partir da expressão do desejo. Depois de tanta falha na procura dessa relação desejada, a figura da morte entra, então, como um encerramento desse sofrimento da personagem que será redimido a partir de uma ressurreição. Em seguida, ele reencontra o engenheiro e a realização desse desejo reprimido proporciona uma o impacto necessário para a transformação. Diante disso, ele vive uma outra vida em que sua real identidade está sendo finalmente exposta. Noll constrói essa mudança interna, ou seja, esse reconhecimento de si, de uma maneira brusca e visual, isto é, a partir da transexualização da personagem em uma mulher e da transformação da genitália.

Com isso, o texto de Noll apresenta as diversas possibilidades de ressignificar a existência da sexualidade divergente. Ele não somente representa a personagem a partir dos mecanismos da realidade, mas inventa um novo ser e agir que rege as vivências dessa personagem fictícia. Assim, lembrando o que diz Petit, não estamos diante de uma narrativa de crise representando a realidade como tal, pelo contrário,

temos a realidade remodelada e reconstruída de modo a relatar as potências da comunidade LGBTQIA+ afastando o conteúdo da realidade do leitor.

4. A recepção da literatura LGBTQIA+ pelos leitores.

A análise da leitura dos textos de literatura LGBTQIA+ nesse trabalho é uma forma de perceber como os leitores dessa minoria se identificam com o texto que possui representação das diversidades sexuais. Procuramos relatos de leitura sobre o autor João Gilberto Noll e comparamos essa leitura com obras populares. Para escolhê-los, baseamos nos exemplos que buscassem relatar a visão do leitor, ou da sexualidade, os dois temas trabalhos nessa pesquisa. Dessa maneira, selecionamos fragmentos de falas dos leitores das obras LGBTQIA+ a fim de verificar a forma como a obra impacta o leitor e as reações deste com o texto.

No decorrer da busca na internet, percebemos uma baixa quantidade de comentários sobre a obra de Noll fora do ambiente acadêmico. Os relatos de Noll se encontram predominantemente no domínio da academia, a qual reconhecendo o valor literário do autor estuda os significados que os textos dele podem produzir.

Em vistas disso, procuramos estabelecer um comparativo entre os romances de Noll e obras que estavam sendo comentadas nessas plataformas. Nas obras populares, disponibilizadas na internet, encontramos uma grande quantidade de impressões de leitura que expõe a interpretação subjetiva do leitor em fóruns de leitura como o *Skoob*.

Dessa maneira, os resultados sobre o autor canônico perpassam os gêneros acadêmicos enquanto os populares se expressam na forma de comentários, ou pequenas resenhas, disponibilizadas nos sites buscados.

Primeiramente iniciando pelos artigos acadêmicos sobre Noll, o debate sobre a obra canônica segue uma padronização: uma análise sobre uma característica existencial, psicológica ou sociológica por meio de um texto literário. No entanto, nos artigos analisados, não somente isso é encontrado. Foi possível perceber uma tentativa de aproximar aquela análise a uma realidade específica de um possível leitor de Noll. Isso significa que a análise acadêmica destina a interpretação do texto a um

possível leitor do romance, com isso abrindo espaço para a leitura de Noll pelo público geral. Paloma Vidal (2010) chega a imaginar um leitor para o texto ao refletir sobre a escrita em *Berkeley em Bellagio*.

A escrita se aproxima da performance na travessia de um eu que afirma uma identidade entre personagem e escritor para melhor expor sua desagregação, experimentando com os limites do seu corpo a ponto de transformá-lo em outro. Para o leitor que acompanha esse experimento, os cenários mundializados por onde transita o escritor nunca mais serão os mesmos. (VIDAL. 2010, p.12)

Assim, Vidal (2010) aborda a forma como leitor entra em contato com a obra de Noll a partir da consciência de que o texto pode provocar tal recepção e devido ao fato de ela mesma ser leitora do texto de Noll isso parece compreender uma visão pessoal sobre as possibilidades de interpretação do texto. Vidal (2010), então, pressupõe esse leitor como alguém que se conecta com o texto de acordo com mecanismos linguísticos que constroem uma espécie de ligação entre personagem e escritor e que representam as experiências que se mostram importantes para o leitor alvo. Com isso é possível pensar a obra de Noll como um representativo ficcional da realidade LGBTQIA+ e pensar esse texto como eficaz para a solução a que Michelle Petit se refere em suas análises.

De mesmo modo, nas resenhas produzidas sobre a obra do Noll, a escrita pode apresentar teor expositivo, isto é, não como uma opinião íntima, mas como um relato impessoal do aspecto que foi analisado durante ela. Isso se dá porque o texto de Noll se mostra essencialmente preso a uma característica de cânone, o que impede que leituras independentes se deem com maior liberdade. O texto pede uma recepção que se mostra pronta para analisar o texto segundo parâmetros estabelecidos pela crítica literária. Dessa forma, a tentativa de captar uma relação entre o texto e o leitor é mediada pelos requisitos da escrita acadêmica que incluem uma maior impessoalidade. A resenha acadêmica requer de seu escritor determinada objetividade quanto ao objeto tratado, mesmo que o texto seja implicitamente uma visão pessoal do resenhista, no texto deve aparecer como uma opinião generalista sobre o livro tentando abarcar as possibilidades de interpretação da obra. Dessa maneira, a intenção de quem fala sobre a obra de Noll é mostrar o texto de forma abrangente, apontando suas características, as quais foram escolhidas por quem resenha, de modo a revelar o que se busca na obra do autor.

Um exemplo é a análise de Rafael Martins Costa que abordou a ciclicidade no romance *Acenos e Afagos*. Rafael Martins analisa a obra apontando os significados produzidos pelo autor, mas sem colocar-se na análise.

Isso porque o autor elabora uma trama onde é recorrente a imagética do cíclico: o engenheiro que abandona e retorna a casa e abandona de novo, a identidade que se forma e se desfaz, o corpo que é sepultado e renasce. (COSTA, s.d.)

Nessa citação, pode-se perceber, através da referência ao autor, a tentativa de buscar um significado geral e neutro para o texto, abordando a ideia de um significado que o autor quis dar ao texto em vez de um significado interpretado pelo leitor.

Além disso, os resenhistas buscam durante o resumo do texto explicitar pontos que chamaram a atenção dele e que possam chamar a atenção de quem vai ler. No mesmo padrão, a resenha de Falkemback mantém o distanciamento entre autor da resenha e o texto de Noll. Daniel Falkemback (2012) lembra da fama do autor como escritor de literatura com temáticas sexuais quando vai comentar sobre a sexualidade no romance.

De acordo com a fama de Noll, também lemos vários relatos da sexualidade do protagonista à flor da pele, sempre descrevendo gestos e falas de outros que denotam qualquer interesse carnal, além de cenas de sexo propriamente dito, é claro. (FALKEMBACK. 2012, p. 2)

Apesar do conteúdo da obra de Noll perpassar a vida e a experiência do sujeito LGBTQIA+ em diversos contextos, em algumas resenhas sobre os romances de Noll, a questão da sexualidade quase não é debatida, sendo apenas citada como um dos aspectos da obra como visto no texto de Falkemback (2012) acima citado. Dessa maneira, o que o resenhista leva a pensar é que a obra de Noll é como uma leitura universal e não uma leitura de nicho, específica para um público LGBTQIA+.

Mesmo nas resenhas encontradas em fóruns de internet ou em poucos vídeos do *YouTube* sobre a obra de João Gilberto Noll, a leitura mostrada é sempre mais ampla do que a impressão que o resenhista tem dela. A obra é estudada a partir das suas potências de evidenciar realidades aos leitores. O leitor com apelido de jaircozta, no *Skoob*, mostra a relação do texto com a sexualidade a partir do relato impessoal.

Nesta obra, o sexo está o tempo inteiro como protagonista e nos brinda com sua beleza crua e sobretudo humana, quando se trata de um homem (ao que se crê) homossexual de meia idade. Jaircozta publicado: 07/08/2018 – SKOOB

Ou ainda no comentarista Wesley Moreira que, mesmo se identificando como leitor, ainda apela para uma espécie de senso comum da obra de Noll, abrindo mão de sua individualidade enquanto leitor do texto.

A literatura é pródiga em histórias tristonhas, de caráter depressivo, com personagens em busca de si mesmos ou em fuga deles próprios. Eu, como leitor masoquista, adoro atravessar estas páginas cheias de conflitos, muitos deles mal ou não resolvidos, deixando o leitor em suspense ou angustiado com o conteúdo das páginas. Lorde, de João Gilberto Noll, não foge a estas parcas definições e ao mesmo tempo se liberta de tais enquadramentos. wesley.moreiradeandrade publicado: 11/01/2017 – SKOOB

Nelas, quem fala sobre a obra se pretende um leitor universal, o qual enfrenta o texto de maneira neutra ou ideal. Salvo em poucos casos como do *youtuber* Daniel Prestes da Silva em que a impressão individual sobre a leitura do texto é exposta. Daniel acentuou, em sua resenha para a plataforma, a impressão individual sobre como a solidão em *Solidão Continental* (2012) foi percebida no momento de sua leitura, assim mostrando um pouco de como a obra de Noll impactou ele mesmo como leitor.

Nos textos populares que tratam da temática da minoria sexual, a recorrência de relatos sobre a importância de se ler sobre o assunto é grande. Como uma identificação empática com a realidade do outro, a maioria dos leitores (sem identificarem sua sexualidade) narram como os livros os fazem entrar em contato com uma realidade que não vivem. Os leitores expõem a forma com a representação da divergência sexual na literatura é positiva para a construção de uma visibilidade positiva sobre essa minoria. Por exemplo, o usuário “literaadfo” comenta no fórum sobre o livro *Se tudo der errado amanhã*, de Jhonatan Marques:

O universo criado por Johnatan traz minorias dentro de minorias e, idealizando uma sociedade que trata melhor lgbs e negros, apresenta uma outra alternativa para a marginalização que é pertinente e ainda capaz de evitar falas como “descansa militante”. A narrativa desse conto é excepcional, ela consegue ser dramática e engraçada ao mesmo tempo, além de apresentar um universo bem construído em suas menos de 30 páginas, os personagens são bem desenvolvidos, perfeitamente relacionáveis e carismáticos, o leitor

consegue entrar na história sem quaisquer dificuldades. Literaadfo, publicado:
22/03/2020 – SKOOB

Outros comentários, numa identificação direta, já percebem, na leitura, uma realidade próxima à sua, trazendo as situações de opressão, que são vivenciadas pelos LGBTQIA+s na sociedade até hoje. Como é o caso da usuária “Manza” do skoob que comentou o seguinte sobre o livro *Boy Erased*

só quem sente na pele entende esse livro me machucou profundamente, principalmente por eu entender perfeitamente a dor dele. foi uma leitura dolorosa e real que me pegou de jeito. sempre vou defender essa causa, que também é minha, até que não precisemos mais sofrer por sermos quem somos. esse livro me trouxe muita angústia, revolta e tristeza, mas também me trouxe muita, muita esperança. Manza, publicado: 01/10/2020 – SKOOB

A maioria dos leitores dos livros populares encontram nessa categoria uma relação com sua vida, principalmente pelo fato de grande parte dos livros do gênero tratarem da adolescência, ou seja, os livros apresentam lembranças de suas vidas tanto quando os leitores não se identificam com alguma das individualidades da comunidade LGBTQIA+ e assim apenas lembram de sua relação com pessoas que pertencem à comunidade ou quando os leitores se identificam como alguma das categorias e, portanto, lembram de sua vivência como tais na adolescência

. Assim, mesmo em livros com personagens LGBTQIA+ e que debatam sobre a vivência e a realidade LGBTQIA+, ainda se encontram comentários como o de Maria Tereza sobre o livro *Quero andar de mãos dadas*, de Victor Lopez.

Sim, esse livro me tocou profundamente. Não que eu tenha vivido nenhuma situação parecida como a do Nicholas ou a do Jhonny, mas já vivi a adolescência e ela já foi difícil com todo o apoio e a possibilidade de ser quem sou. Imagina pra eles! Maria Tereza, público em 17/04/2020 -skoob

Nos três tipos de comentários o que se percebe é uma opinião íntima sobre como esse texto consegue impactar a individualidade do leitor, seja diretamente, pelo conteúdo que produz uma identificação óbvia entre leitor e texto, ou pela percepção das realidades como um conhecimento sobre o outro e que impactam outras realidades indiretamente.

Com isso, é possível diferenciar a forma como os textos “best-seller” e a obra de Noll são lidos e pensar o principal motivo para tal sendo a linguagem, uma vez que essa diferencia a forma de se acessar o sentido que o texto produz.

Nos textos para público mais jovem, a linguagem acessível, caracterizada pela composição simples da narrativa, o encadeamento coerente de fatos num período de tempo e a manutenção de um diálogo direto com um leitor específico no sentido de mostrar uma personagem gay em contexto de protagonismo produzem uma identificação direta, na qual o leitor gay se vê refletido no texto, ou um leitor, que não tem a mesma sexualidade que o texto aborda, vê o texto refletir uma vivência real à qual ele pode se conectar empaticamente, entendendo a visão desse outro.

A escrita de Noll, por sua vez, encaixa-se melhor na identificação metafórica a qual os textos teóricos de Petit e Manguel vem defendendo. Isso significa que no conjunto de expressões e jogos de linguagem do texto, a experiência individual do leitor se conecta com o texto e produz o sentido final deste. Do mesmo modo, a literatura de Noll apresenta uma narrativa que pertence, reproduz e identifica o imaginário gay, ainda que a sua forma de expressão dessa realidade não seja a comum para a comunidade gay leitora.

Por isso, a obra de Noll gera interesse da crítica e de uma análise mais voltada para a forma do texto. Os indícios neste de uma tentativa de fazer artístico mais complexo, rebuscando o discurso, deformando o tempo e remodelando a personagem de acordo com o texto produzem um efeito estético diferente daquele mais usual na literatura de popular. Concretizando-se assim como uma literatura gay que se encaixa mais com o trabalho acadêmico que se preocupa com a interpretação dos sentidos do texto.

5. Considerações Finais

Por fim, a pesquisa entende que a literatura possui diversas formas de identificação com o leitor. Ainda que

Diante do exposto, verifica-se que a comunidade LGBTQIA+ encontra na obra de seus representantes um local de construção de uma visibilidade completa e significativa. Em decorrência da resignificação da vivência na literatura, os textos de literatura LGBTQIA+ têm potência de reimaginar uma realidade que desconstrua os valores da sociedade repressiva e reconduza a comunidade para um projeto político de emancipação das formas de viver, encontrando novos modos e configurações do que é ser LGBTQIA+.

Assim, a literatura tem a capacidade de reivindicar um lugar no mundo, que suprime a existência LGBTQIA+, ao criar um refúgio de representações positivas dessa minoria. Dessa forma, o leitor que ora só possuía o estado de crise encontra nessa leitura uma possibilidade de enfrentamento das opressões a partir do desenvolvimento de uma autoestima ao compreender-se como sujeito. Por isso, seguindo o raciocínio de Petit que diz que ler é “a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de forma clandestina ou discreta, tempo de imaginar outras possibilidades” (PETIT, 2008, p.64), o leitor LGBTQIA+ encontra um momento de se repensar no mundo e criar sua identidade ao entrar em contato, justamente, com diversas experiências de outros sujeitos, autores e personagens podendo assim entender maneiras que reconstróem essas possibilidades de viver.

Dessa forma, o estudo da teoria da recepção permitiu a compreensão da relação entre a realidade significada e a leitura as quais permitem uma comunhão de significados e atribuições e, diante disso, criam um espaço de pensamentos sobre as novas possibilidades. Com o texto ressignificado, o leitor renova sua experiência com o mundo repensando, a partir do texto, modos de ser e agir que não sejam meramente reproduções adaptadas de um comportamento esperado pela ideologia dominante. Ao reconstruir-se como sujeito orgulhoso de sua identidade ele fere a estrutura opressora e gera transformações na estrutura social questionando as dominações em busca de liberdades individuais mais verdadeiras.

Por meio da relação entre a teoria, as obras literárias e o leitor, o entendimento do caminho seguido entre o projeto do autor e a interpretação do leitor se dá de forma esperada, visto que o texto impacta seu leitor gerando uma resposta e o leitor age no mundo de acordo com as experiências encontradas no texto, verificamos que o objetivo da literatura de criar uma criticidade do leitor para que ele desafie as estruturas dominantes se dá de maneira eficaz.

O método de combate às opressões, exposto pela maneira original de relacionar-se com o mundo, não reproduzindo o modelo heteronormativo, mas pensando uma estética LGBTQIA+ que quebre esse padrão e reconduza a vivência para um futuro de igualdade entre as diferenças, está representado de maneira geral nas obras literárias analisadas o que pode significar que diversos textos estão comprometidos com essa intenção político-social de transformação.

Dessa forma, a partir da análise mais detalhada de João Gilberto Noll, constatamos que a esperança num futuro utópico está bastante detalhada na literatura do autor. Com a representação de personagens que sempre se reinventam a fim de manter-se esperançosos com o futuro. Ainda, como no caso de *Acenos e afagos*, a renovação da vida se dê pela morte, o futuro sempre parece melhor. Como diz o autor gaúcho no final de seu último romance “Então, de um golpe me coagulei. E antes que eu não pudesse mais formular, percebi que agora, enfim..., eu começaria a viver...”

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1969.

BASTOS, Dau. *Wolfgang Iser e a ficcionalidade como disposição humana*. In: O Fictício e o Imaginário: Perspectivas de Uma Antropologia Literária. Rio de Janeiro: 2ª ed, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013

CASTRO, Sandra de Pádua. *O Imaginário na Construção da Realidade e do Texto Ficcional. Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos*. Belo Horizonte: v.3, n.5, p.53-60, 2007

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2ªed, 2012

CONLEY, Garrard. *Boy Erased. Uma verdade anulada*. Tradução, Carolina Selvatici. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

COSTA, Rafael Martins. *A Ficção Cíclica de João Gilberto Noll: uma leitura de Acenos e Afagos*, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas.

DALCASTAGNÈ, Regina. “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp. 13-71

EDGERTON, Joel. *Boy Erased*, Nova York: Universal Pictures, 2018

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GLAAD. GLAAD Annual Report '18 – '19. GLAAD, 2020.

GREEN, James. *Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2ª ed, 2019

ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: Perspectivas de Uma Antropologia Literária*. Rio de Janeiro: 2ª ed, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013

FALKEMBACK, Daniel. *Solidão Continental (João Gilberto Noll)*, publicada em 12 de outubro, 2012, Disponível em: www.posfacio.com.br/2012/10/12/solidao-continental-joao-gilberto-noll/

LOPEZ, Victor. *Quero andar de mãos dadas*. 2ª ed. 2017.

MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo. 2017.

MARQUES, Johnatan. *Se tudo der errado amanhã*. 1ª edição eletrônica, 2018.

MUNHOZ, José Esteban. *Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity*. New York and London: New York University Press, 2009

NOLL, João Gilberto. *Acenos e Afagos*. Rio de Janeiro: Record, 2008

_____. *Berkeley em Bellagio*. São Paulo: Francis, 2003

_____. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2003.

PECHIM, Leticia, *Pessoas LGBT enfrentam preconceito na quarentena*. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/pessoas-lgbt-enfrentam-preconceito-na-quarentena>. Acesso: 28/11/2020

PETIT, Michele. *A arte de ler Ou Como Resistir a Adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009

_____. *Os Jovens e a Leitura*. São Paulo: Editora 34, 2008

TREVISAN, João Silvério, *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 4^aed, 2018.

VIDAL, Paloma. *A Escrita Performática de João Gilberto Noll*. publicado em: *Teresa revista de Literatura Brasileira*, São Paulo: p. 298-309, 2010.

VISIBLE: out on television. Direção: Ryan White. Produção: Wilson Cruz, Wanda Sykes, Jessica Hargrave, Ryan White. Estados Unidos: Apple TV+, 2020. Disponível em: Apple TV+. Acesso em: 10 set. 2020.